

Trilhos Subaquáticos em Áreas Marinhas Protegidas dos Açores

RITA VELEZ GRILO * [ritavg@gmail.com]

M^a ANUNCIAÇÃO VENTURA ** [mateus@uac.pt]

ANA CRISTINA COSTA *** [accosta@uac.pt]

Palavras-chave | Áreas Marinhas Protegidas, Ecosystem-Service, Ecoturismo, Trilhos Subaquáticos, Valorização Ecológica.

Objetivos | Desenhar dois trilhos subaquáticos em cada uma de duas áreas marinhas protegidas dos Açores: ZEC Caloura – Ponta da Galera, em São Miguel e ZEC Costa Nordeste da Ilha das Flores. Pretende-se com este trabalho contribuir para uma valorização ecológica e económica da biodiversidade de áreas marinhas protegidas.

Metodologia | Os trilhos subaquáticos foram definidos após levantamento de informação junto dos operadores de mergulho. Dedicou-se especial atenção à presença de espécies emblemáticas do ponto de vista do turista, ao grau de dificuldade do mergulho e profundidade máxima, informação obtida por entrevista aos operadores na área. Para a definição dos trilhos in loco e obtenção de dados para a sua valorização ecológica, realizaram-se dois mergulhos em cada sítio, durante o verão de 2011. Foram registadas as coordenadas do ponto de início de imersão por GPS, e durante as imersões foram registadas: a profundidade máxima, o tipo de substrato, temperatura da água e duração do mergulho. Foi avaliada a abundância da fauna visível ao longo do percurso por aplicação da escala Dafor e anotada a presença de espécies de algas.

Principais resultados e contributos | Traçaram-se dois trilhos em cada uma das ZEC; na Caloura – Ponta da Galera, S. Miguel: os arcos do Hotel da Caloura e a Panela da Ponta da Galera; na Costa Nordeste das Flores: o Ilhéu do Garajau e o Ilhéu Maria Vaz.

O acesso aos arcos do Hotel da Caloura (coordenadas 37°42'40.00" N 25°31'04.00" W) pode ser feito por embarcação ou por costa. O trilho aqui estabelecido apresenta uma profundidade máxima de 16,6 metros, um fundo de areia e rochoso, com arcos formando pequenos túneis. Este é um percurso acessível dada a sua profundidade baixa, embora a existência de arcos e túneis possa conferir alguma dificuldade. Neste percurso podem-se encontrar cerca de 48 espécies, sendo 19 delas peixes.

A Panela da Ponta da Galera (37°42'20.59" N 25°30'30.83" W) pode ser alcançada por costa ou por embarcação. É uma estrutura em forma de gruta vertical, ou caverna, que desce até aos 18,5 metros de profundidade com um diâmetro de aproximadamente 10 metros. Este trilho é de dificuldade média visto implicar a passagem por túneis e a entrada

* **Mestre em Gestão e Conservação de Recursos Naturais** pelo Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa.

** **Doutorada em Ecologia Animal, Professora Auxiliar** da Universidade dos Açores.

*** **Doutorada em Ciências do Mar** pela Universidade dos Açores, **Professora Auxiliar** da Universidade dos Açores.

numa caverna. Além disso, o mergulho nesta zona é condicionado às correntes e à acção do mar, já que se estas forem muito fortes o mergulho torna-se perigoso. Neste trilho registaram-se 43 espécies no total, sendo cerca de 17 espécies de peixes.

O Ilhéu do Garajau (39°29'04.28" N 31°08'44.34" W) é apenas acessível por embarcação. O trilho inicia-se com o Ilhéu à esquerda em direcção a Norte. Encontra-se um patamar aos 19 metros podendo-se observar blocos rochosos cuja dimensão vai diminuindo até chegar ao fundo de areia. No fim destes blocos, posiciona-se para Sul, percorrendo o caminho contrário à medida que se vai subindo. O percurso é realizado sempre junto à parede do Ilhéu. A dificuldade é média visto a profundidade máxima ser de 32 metros e pelo facto da passagem na ponta sul do Ilhéu apresentar alguma corrente. No Ilhéu do Garajau encontram-se cerca de 36 espécies ao todo com cerca de 20 espécies de peixes.

Quanto ao trilho do Ilhéu Maria Vaz (39°30'20.80" N 31°14'41.86" W) o acesso ao local é realizado por barco. Durante o percurso subaquático, o trajeto desenvolve-se em direcção a Noroeste junto à parede do Ilhéu, onde se encontram uma série de patamares. O primeiro é aos 16 metros, seguido de outros de diversas profundidades até ao fundo de areia, aos 31 metros. No fundo encontram-se blocos de rochas, aproximadamente 80 metros depois da descida, cujo topo se encontra aos 26 metros. Este é um mergulho fácil. Avistaram-se 47 espécies no Ilhéu Maria Vaz, sendo cerca de 22 espécies, peixes.

Limitações | O trabalho de mar inicialmente previsto foi condicionado pela meteorologia e estado do mar, bem como pela ocorrência de alguns problemas logísticos. Alguns operadores contactados não colaboraram o que reduziu o universo de amostragem. A falta de documentação científica disponível sobre este tema, limitou o conhecimento base para o desenvolvimento do trabalho, mas abriu caminho para a obtenção de uma ferramenta de gestão original, em AMPS.

Conclusões | No decorrer deste trabalho verificou-se que os operadores usam as mais-valias naturais locais para a promoção do seu produto. As empresas estarão assim a contribuir para a preservação dos locais utilizados, para a consciencialização ambiental dos seus clientes e para a gestão sustentável deste recurso. Com os trilhos subaquáticos desenhados neste estudo, pretendeu-se desenvolver um recurso turístico favorável à conservação da natureza, com importantes funções de interesse público, como a consciencialização ambiental, e em produtos para a economia local. Os trilhos apresentam-se como uma alternativa sustentável à pesca comercial nestas áreas, na obtenção de mais-valias económicas para as comunidades de cada ilha. No entanto, deverá estudar-se a capacidade de carga destes trilhos por forma a minimizar as pressões causadas pela utilização e garantir a sustentabilidade do seu uso.